

Reinterpretando o *Juruá Rekó*: uma etnografia Mbyá sobre os não-indígenas

Introdução

Desde 2011 o grupo de contadores de histórias "Quem Conta um Conto" vem construindo junto à comunidade Mbyá Guarani da Tekoá Anhetengúá (situada no bairro Lomba do Pinheiro-Porto Alegre/RS) um trabalho colaborativo de compartilhamento de narrativas através da contação de histórias. Tendo como ponto de referência a escola da aldeia, fomos aos poucos compreendendo o terreno movente, desafiador e extremamente fértil que escolhemos conhecer ao experimentarmos contar as histórias Guarani dentro da escola da aldeia. Durante a construção dessa relação tivemos como parceiros e mestres os professores da aldeia, e em especial o professor/pesquisador Jerônimo Tupã Franco. Dialogando com o professor Jerônimo, pudemos compreender melhor como o modo de ser Guarani, o *Ñande Rekó*, se manifesta pela narrativa e como as histórias estão associadas à vida de modo geral. Além disso, a vivência na aldeia nos proporcionou momentos de reflexão importantes no que concerne à nossa ação enquanto extensionistas: durante o processo estivemos repensando constantemente a nossas práticas não só na comunidade, mas também na Universidade. Para apresentar melhor o que se produziu nessa fase do projeto, trazemos para a Tertúlia um vídeo no qual o professor Jerônimo fala aos alunos sobre as diferenças entre o *Jurá Rekó* (modo de ser dos não-indígenas) e o *Ñande Rekó* (modo de ser Mbyá). Nessa narrativa, aborda essas diferenças a partir das coisas que Nhanderu (divindade maior dos Guarani) criou para cada um deles, e através disso explica o modo como entendem e vivem o mundo. A história tange desde comunicação, aprendizado, vestimentas e alimentação até o modo de andar: o Guarani andaria de costas, olhando para sua história e suas raízes, e o Juruá para frente, sem pensar nessas coisas.

Objetivos

Além de contar histórias Guarani, o grupo tem se preocupado em observar e dialogar com a organização proposta pelos professores na escola. Nos posicionamos em um lugar de ambivalência: somos ao mesmo tempo aprendizes e propositores das práticas realizadas na escola. Observando e respeitando os tempos da comunidade, construímos a nossa ação a partir das demandas da escola e também da vontade dos professores, adaptando nesses momentos o nosso "jeito de ser". Pensamos que a contação de histórias pode ser um campo de muitas possibilidades, não só de conhecer diferentes narrativas, mas também de lidar com variados suportes. Por isso, propusemos o trabalho com vídeos, desenhos, esculturas de argila, e também aprendemos a construir cestos, o que gerou registros muito interessantes que produzem material não só para o grupo "Quem Conta um Conto", mas também para os professores Mbyá.

Metodologia

A ideia central aqui discutida é que pela narrativa pode-se refletir sobre a alteridade e deslocar práticas já cristalizadas. Pensamos que a presença do grupo na aldeia e os diálogos que estabelecemos com a escola fomentam uma nova relação entre Mbyá e Juruá naquele espaço, e é possível observar essa construção nos momentos em que nos posicionamos em um lugar diferente daquele que tradicionalmente ocupam as universidades dentro das comunidades indígenas. Nos propusemos a descolonizar as práticas da Universidade, pelo menos no que nos toca enquanto contadores de histórias que se propõem a entrar em contato com as comunidades. Isso é possível no momento em que se percebe que a presença do grupo auxilia no processo de empoderamento dos sujeitos que se dispõem a dialogar conosco. A provocação colocada, pelo grupo de contadores, de recontar histórias guarani na escola gerou experiências que repercutiram não só na própria dinâmica de trabalho dos professores, mas também na metodologia utilizada pelos componentes do grupo, que teve de ser reelaborada constantemente no decorrer da prática. A necessidade de compreensão das diferentes temporalidades, e a discussão sobre que saberes cabem na escola são alguns dos debates que permeiam essa vivência que nos fazem pensar também o lugar e os significados das histórias para os juruá e para os Mbyá.

Processos Avaliativos

Ao longo de nossas vivências semanais com os Mbyá Guarani da Lomba do Pinheiro fomos construindo conjuntamente um vínculo que perpassa as relações institucionais. Mesmo que o grupo de extensão faça parte de uma Universidade e esteja atuando dentro da Escola da aldeia, o nosso “modo de ser contador de histórias”, sem um método duro, abriu-se para novas formas de estar no mundo a partir das sabedorias Mbyá Guarani. Talvez o exemplo mais claro disso seja o vídeo apresentado, no qual o professor Jerônimo apresenta uma narrativa que ensina sobre as diferenças mas também sobre as possibilidades de relação entre alteridades. Logo, a fala de Jerônimo não se resume a uma crítica ao “modo de ser não indígena”, mas consiste numa abertura para diferentes jeitos de ver o mundo que aprofundam seus pontos de contato e de entendimento sem perder sua identidade. O registro desse ensinamento em vídeo foi apenas um dos momentos dessa vivência das fronteiras que se constrói e se desconstrói a cada visita à aldeia, a cada contação de história, a cada conversa e a cada silêncio compartilhado. Ou seja, essa construção coletiva se coloca como um constante devir na relação entre os *Juruá* e os Mbyá Guarani.